

AS CABRAS DE BIKINI: NATUREZA E HISTÓRIA EM ITALO CALVINO

ADRIANA IOZZI

RESUMO Tomando como ponto de partida um dos primeiros escritos críticos publicados por Italo Calvino no jornal L'Unità, o presente artigo pretende apontar a presença de um tema constante na obra do escritor: a relação entre indivíduo, natureza e história.

PALAVRAS-CHAVE Italo Calvino; natureza; história; indivíduo; narrativa e crítica italiana contemporânea.



ABSTRACT *Prendendo come punto di partenza uno dei primi scritti critici pubblicati da Italo Calvino nel giornale L'Unità, questo articolo mette in rilievo la presenza costante, nell'opera dello scrittore, del tema del rapporto fra individuo, natura e storia.*

PAROLE CHIAVE *Italo Calvino; natura; storia; individuo; narrativa e critica italiana contemporanea.*

ABSTRACT *Based on one of the very first of Italo Calvino's critiques published by newspaper L'Unità, the current paper intends to draw attention to a recurring theme in the writer's work: the relationship between the individual, nature and history.*

KEYWORDS *Italo Calvino; nature; history; individual; contemporary Italian narrative and critique.*

N

o dia 17 de novembro de 1946, na terceira página do jornal comunista *L'Unità*, Italo Calvino apresenta ao seu público-leitor um artigo com o insólito título “Le capre ci guardano”, no qual comenta uma série de homenagens feitas às cabras da ilha de Bikini, sacrificadas “pelo bem da humanidade” durante os testes atômicos ocorridos na região, naquele ano.

O atol de Bikini, como sabemos, infelizmente tornou-se famoso por ser o principal alvo das ilhas Marshall, escolhidas pelos Estados Unidos para a realização de inúmeros experimentos nucleares a partir de julho de 1946. Durante os dez anos seguintes, vinte e três explosões foram feitas em Bikini, inclusive a da famosa bomba de hidrogênio, dez vezes mais potente do que as bombas de Hiroshima e Nagasaki. Do ponto de vista ambiental, o desastre ecológico causado foi devastador, diretamente proporcional à potência das bombas. Com as explosões nucleares e a irradiação deixada por elas, a vida foi praticamente varrida da ilha.

O que teriam pensado as cabras de Bikini a respeito disso? E os gatos nas casas bombardeadas? E os cães nas zonas de guerra? E os peixes no momento da explosão dos torpedos? São, em substância, essas as perguntas incomuns que Calvino coloca aos leitores naquele 17 de novembro.

A estranha homenagem dedicada às cabras da ilha – com hasteamento da bandeira a meio mastro, toques de tambor, elogios fúnebres... – transforma-se no ponto de partida para o questionamento sobre o comportamento do homem em relação à natureza. Na base das reflexões feitas pelo então jovem escritor está o “segredo remorso do gênero humano em relação aos animais” que para ele caracteriza a hipocrisia da raça humana:

Come [gli animali] avranno giudicato noi uomini in quei momenti, nella loro logica che pure esiste, tanto più elementare, tanto più – stavo per dire – umana?

Sì, noi dobbiamo una spiegazione agli animali, se non una riparazione. Loro possono capire quando li uccidiamo per mangiarli, quando li mettiamo a tirare un carro, forse anche quando li torturiamo per divertirci nelle corride, o quando li vivisezioniamo per esperimento. [...] Ma la guerra? Sì, noi dobbiamo una spiegazione agli animali, dobbiamo chieder loro scusa se ogni tanto mettiamo a soqquadro questo mondo che è anche il loro, se li tiriamo in ballo in affari che non li riguardano.

Ecco che allora entra in gioco l'ipocrisia umana. Facciamo degli animali morti o reduci non delle vittime ma degli eroi, tutti dediti alla nostra causa, caduti gridando evviva, li facciamo i nostri complici, corresponsabili delle rovine che abbiamo causato: e commemoriamo le capre come morte per il bene dell'umanità, erigiamo monumenti ai muli, diamo onorificenze ai piccioni. E, nella nostra ipocrisia, di quello che sarebbe un motivo di rimorso facciamo un motivo di orgoglio: "Ecco, vedete – diciamo – anche le capre, anche i piccioni sono con noi."¹

O artigo de Calvino é ágil e envolvente e vem acompanhado, na mesma página, de outros dois que discorrem também sobre a relação entre homens e animais. O referido texto faz parte dos escritos da coluna *Gente nel tempo* – assinada por ele durante o período de 1946 a 1948 –, cujo objetivo era refletir de forma crítica e polêmica sobre os temas culturais e políticos da luta comunista no imediato pós-guerra. Naquele dia, no entanto, dedicando sua coluna ao sofrimento causado pelo homem às cabras indefesas, Calvino inaugura um *leit motiv* que norteará grande parte de sua produção crítica e narrativa, ou seja, a relação entre indivíduo, natureza e história.

Gian Carlo Ferretti foi quem primeiro abordou o universo dos textos esparsos do Calvino jornalista e ensaísta para dele extrair, exatamente sob o emblema das cabras de Bikini², a imagem de um Calvino que "bem no meio da sua fase engajada" interroga-se sobre "uma *alteridade* misteriosa, sofredora e muda" uma natureza não-humana e indefesa, que o homem, com a sua insensatez, é capaz de criar. Contrariando a imagem de racionalista otimista e equilibrado com a qual a crítica costuma rotular Calvino, Ferretti colhe na totalidade da produção do escritor uma íntima descrença nos poderes da razão. Ou seja, sigilado nas peripécias "partigiane", nas fábulas, nos jogos de escritura, no tema da divisão ao meio, na dualidade, em vários de seus personagens provindos de uma vasta genealogia de "diferentes", Ferretti sublinha o questionamento constante de Calvino acerca da insensatez humana disfarçada de racionalidade:

Por trás das estórias engajadas de Calvino, de suas fábulas ético-políticas, de suas construções geométricas e cristalinas, de seus jogos combinatórios; por trás de sua escritura clara e funcional, refinada e brilhante, revela-se o sentido trágico e misterioso da existência, a consciência da infelicidade inexprimível e inexplicável, a constatação da dolorosa incompletude humana³.

1. Calvino, I. *Saggi: 1945-1985*. (org. Mario Barenghi). Milano: Mondadori, 1995, vol. 2., p. 2131-32.

2. Ferretti, G. C. *Le capre di Bikini: Calvino giornalista e saggista (1945-1985)*. Roma: Riuniti, 1989. O belo e sugestivo título do livro de Ferretti, inspirado no referido texto de Calvino, assim como o enfoque analítico nele proposto, são, por sua vez, como o leitor pode perceber, também fonte de inspiração para o estudo que aqui se apresenta.

3. *Ibidem*, p. 159 (trad. nossa).

Em suma, o crítico percebe nos primeiros ensaios de Calvino o delinear-se de dois níveis paralelos que caracterizam sua produção intelectual: aquele das tomadas de posição e das reflexões teóricas e políticas – como uma espécie de dever do escritor em assumir responsabilidades e como necessidade moral de tomar uma posição diante da época em que se vive – e aquele de uma racionalidade desiludida e desencantada. Trata-se de uma duplicidade de atitudes que já naqueles primeiros anos se evidencia muitas vezes no contraste entre as declarações de Calvino sobre fatos políticos, publicadas nos jornais, e os seus escritos mais reflexivos e ensaísticos. De fato, se examinarmos também a produção narrativa de Calvino sob esse aspecto, veremos nela uma ininterrupta tentativa de conciliar elementos conflitantes, sempre entre os pólos de uma visão positiva e de uma negativa. Em suma, o percurso emblemático de um escritor laico do período pós-guerra, forçado a conviver com a queda dos ideais e dos projetos de sociedade.

A relação indivíduo-natureza-história, problematizada e discutida por Calvino inúmeras vezes em vários escritos posteriores àquele das cabras de Bikini, encontra-se, contudo, particularmente elaborada e sistematizada em um ensaio-conferência de 1958, “Natura e storia nel romanzo”, curiosamente deixado de lado na leitura de Ferretti⁴.

No ensaio de 1958, Calvino analisa os três elementos que constituem, no seu ponto de vista, a épica moderna:

Individuo, natura, storia: nel rapporto tra questi tre elementi consiste quella che possiamo chiamare l'epica moderna. Il grande romanzo dell'Ottocento comincia questo discorso e la narrativa del Novecento, nelle sue forme più convulse e spigolose, lo continua. Varia il modo di considerare la coscienza individuale, la natura, la storia, variano i rapporti tra i tre termini: ma con tutte le differenze, le letterature dei due ultimi secoli presentano una perfetta continuità di discorso. [...] L'epica antica raccontava il primo atto dell'uomo per uscire dal caos dell'indistinto, la lotta contro la natura vergine, ancora popolata di mostri, una natura amica o nemica, a seconda se in essa si manifesta l'aiuto degli dèi favorevoli o l'ostilità degli dèi avversi. Anche l'urto contro gli altri uomini, le battaglie, la storia, non sono che manifestazioni terrestri di dissidi divini [...]. L'epica moderna non conosce più dèi: l'uomo è solo, e ha di fronte la natura e la storia.⁵

As reflexões desenvolvidas neste ensaio representam uma fase de recapitulação do horizonte literário da formação do escritor, fortemente ancorada na tradição do romance do século XIX. Aqui Calvino reelabora em parte outros escritos precedentes e adianta, na conclusão, os temas que serão apresentados em “Il mare dell'oggettività” (1960) e em outros ensaios posteriores publicados na revista *Il Menabò*⁶. O fato é que os três elementos analisados em “Natura e storia nel romanzo” pouco a pouco se diluirão na obra de Calvino e aparecerá, em seu lugar,

4. Mas não esquecido por Giorgio Bertone, também ele um leitor da natureza em Calvino (cf. Bertone, G. *Italo Calvino: il castello della scrittura*. Torino: Einaudi, 1994, pp. 11-27).

5. Calvino, I. *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Milano: Mondadori, 1995, pp. 25-6.

6. Fundada e dirigida por Italo Calvino e Elio Vittorini, a revista *Il Menabò* pretendia estimular um debate literário e sócio-político, apresentando temas célebres como a relação entre “literatura e indústria”, central no quarto e quinto volumes da revista. É no *Menabò* que Calvino publica três de seus ensaios mais importantes: “Il mare dell'oggettività” (1960), que discute as tendências artísticas internacionais da época; “La sfida al labirinto” (1962), sobre a história das vanguardas, e “L'antitesi operaria” (1964), reflexão cultural e histórica sobre o papel da classe operária e sobre correntes ideológicas da esquerda da época. Os ensaios de Calvino, mesmo inseridos em um debate bastante circunscrito, seguem o sentido dos ensaios escritos anteriormente. O escritor parte da idéia que a tarefa da literatura não é a mesma das outras atividades

a imagem do labirinto como sinônimo de desnorreamento, um labirinto que surge em decorrência da “submissão” da subjetividade ao “mar da objetividade”

Os primeiros textos críticos de Calvino, de uma forma geral, tendiam a oferecer ao leitor uma visão de mundo complexa, na qual não há uma nítida separação entre o mundo da literatura e aquele da política. À crise da razão burguesa, Calvino contrapõe a força de um projeto fundado no marxismo e na luta de classes; em oposição à literatura da irracionalidade e do subjetivismo, ele propõe a pesquisa de linhas de uma nova poética e a redefinição do papel do intelectual. Os escritores por ele eleitos são Conrad, Stevenson, Hemingway, modelos de uma literatura cuja moral rigorosa é capaz de reproduzir os valores de um otimismo racionalista, que difere substancialmente da irracionalidade e da insensatez que parecia marcar o mundo de então.

Para o jovem comunista que trabalhava no jornal *L'Unità*, participava da vida política em Torino, colaborava com a prestigiosa editora Einaudi, escrevia contos e adquiriu sucesso com o primeiro romance, as reflexões nos primeiros anos são voltadas para um campo político e idealista bem definido e para a construção de uma nova sociedade civil e intelectual, numa Itália ainda dilacerada pelo fascismo e pela guerra. Calvino afirmava, desde o início, que a literatura, diante da realidade, deveria sempre assumir uma função antagonista, ou seja, deveria mostrar a complexidade do real propondo respostas conscientes e ativas para os problemas apresentados pela vida.

Nesses anos, Calvino por meio de suas escolhas formais⁷ tende a distanciar-se da representação mimética da realidade e do caráter pedagógico dominantes na literatura realista ou objetiva da época. Para ele, a participação ativa na história social significava a representação do comportamento e da moralidade humana no mundo, não um registro acrítico da realidade na obra. Propunha, em suma, uma literatura capaz não somente de explicar o mundo, mas de transformá-lo. Com a publicação, em 1955, de “Il midollo del leone”, o escritor expressava sua fé na racionalidade e no valor moral da literatura, destoando dos escritores e críticos que atribuíam à criação literária uma função tanto pedagógica quanto de denúncia e *praxis* política. Para Calvino, a única função pedagógica que a literatura deveria assumir seria a de oferecer uma “lição de força” e incitar, dessa forma, um comportamento e uma consciência em relação ao mundo que pudessem contribuir para a superação da barbárie em que se havia transformado a vida na sociedade contemporânea. A literatura deveria participar da luta ideológica a fim de eliminar a influência da ideologia conservadora da classe dominante e alcançar uma visão crítica das relações humanas na sociedade burguesa, restituindo ao homem o “controle da história”. Assim, ele sustentava que a melhor maneira de se alcançar tal objetivo seria representando a negatividade da condição humana no mundo atual, por meio da denúncia de sua degradação. Essa representação, contudo, não poderia ser feita com o emprego de uma narrativa de caráter subjetivo que privilegiasse a análise psicológica, nem tampouco com os recursos do naturalismo preso à aparência dos fatos da vida real.

Para a literatura italiana, o momento era delicado e controvertido. O apagar-se gradual do impulso inovador e construtivo que havia marcado o neo-realismo, reinante no país do início dos

culturais, uma vez que ela é capaz de fazer emergir a “inteligência do negativo”, como havia escrito no ensaio de 1955, “Il midollo del leone”, e incitar a vontade de se rebelar, único caminho para não se deixar levar pelo fluxo ininterrupto dos acontecimentos.

7. A fim de explicitar a relação crítica do escritor com a literatura e a realidade, Contardo Calligaris apresenta uma análise de toda a sua obra - dos primeiros escritos neo-realistas a *Palomar* - conduzida no âmbito de uma crítica sociológica. Com base nessa premissa, Calligaris ressalta na obra do escritor o contínuo conflito dialético entre elementos formais e situação histórica. A opção de Calvino por determinadas estruturas narrativas é vista como representação e proposta de uma precisa relação do sujeito histórico com a história. A fábula como “aceitação”, a alegoria como “revolta”, o objetivismo como manifestação da “necessidade das coisas”. As escolhas formais, segundo o crítico italiano, assumem para Calvino o valor de propostas históricas, são a forma com a qual o escritor se situa dialeticamente na história (cf. Calligaris, *C. Italo Calvino*. Milano: Mursia, 1985).

anos trinta até meados da década de cinquenta, o endurecimento das posições da crítica militante, o direcionamento de grande parte da produção literária para o regionalismo, o esquematismo e o populismo da literatura dialetal eram apenas uns dos tantos aspectos do panorama cultural e literário daquele tempo. No ensaio de 1955 Calvino toca, de fato, em algumas questões cruciais que marcaram as discussões sobre a cultura italiana do pós-guerra: a relação entre política e literatura; a função do intelectual como guia nos processos históricos e a sua participação real na construção de uma sociedade democrática; a delimitação específica do âmbito de ação da literatura e a necessidade de pesquisa de novas formas de comunicação artística.

Segundo Calvino, a realidade da sociedade burguesa oferecia temas banais, insignificantes, com os quais seria impossível captar a totalidade complexa do mundo. Por isso suas narrativas de caráter, por assim dizer, “realista” privilegiam a meditação e a reflexão em detrimento da representação de uma história. Em várias delas – pensemos em *La formica argentina* (1952), *La nuvola di smog* (1958), ou no romance *La speculazione edilizia* (1957) – Calvino retrata a condição do intelectual impossibilitado de intervir significativamente diante dos aspectos negativos da sociedade capitalista⁸. Apesar disso, o escritor crê que a literatura pode ou deve encontrar soluções para representar poeticamente formas de atuação do homem a fim de mudar suas condições de vida. A solução estaria na criação de histórias fantásticas, nas quais seria possível reproduzir, por meio de um estilo “épico-lírico”, a unidade substancial entre a natureza e o homem, unidade destruída pela força das relações econômicas capitalistas. Nessa idéia reside a tomada de posição original de Calvino no quadro da literatura italiana do século XX, sua resposta ao problema da crise do romance.

Voltando às reflexões de “Il midollo de leone” vemos que elas representam para Calvino a síntese de todo um período em que se tinha como objetivo definir uma linha literária “moral-civil no âmbito da problemática cultural da esquerda pós-resistência na Itália”⁹. O ensaio resume e amplia uma concepção de engajamento do intelectual e do artista, porém antecipa ao mesmo tempo um novo direcionamento, ocorrido em grande parte devido às suas desilusões políticas pessoais e às transformações culturais daqueles anos, que exige por parte do escritor novas sistematizações que o levam, com o tempo, a ver no intelectual um leitor individual, um intérprete das manifestações literárias e artísticas mundiais.

No ensaio “Il mare dell’oggettività” observamos já uma mudança de tom em relação aos ensaios anteriores. Nele são apontados os indícios, importantes para a reflexão artística da época, daquilo que Calvino definia como “silencioso cataclismo” e que teriam determinado uma inversão da antítese clássica entre consciência individual (subjetividade) e objetividade. Segundo Calvino, as razões históricas deste fenômeno ligavam-se à “crise do espírito revolucionário”, ou seja, à descrença na capacidade do homem de “determinar o curso das coisas”, em uma sociedade cuja disponibilidade de recursos e desenvolvimento tecnológico limitavam as possibilidades de análise e de intervenção. Fica evidente o fim das paixões civis e dos impulsos idealistas que haviam

8. Aspectos como a condição do protagonista de *La formica argentina*, que se encontra diante de uma inevitável submissão às instâncias econômicas; o problema da poluição ambiental largamente discutido em *La nuvola di smog*; ou ainda a denúncia da desenfreada especulação imobiliária ocorrida na Itália principalmente a partir da década de cinquenta, abordada no romance *La speculazione edilizia*.

9. Calvino, I. “Sotto quella pietra”, *La Repubblica*, 15 de abril de 1980.

marcado a era do pós-guerra e do “engajamento” na Europa. Diante disso, Calvino reforça a perspectiva a ser seguida, apresentada já nos ensaios precedentes, ou seja, uma linha de rigor moral, de responsabilidade, de tensão dialética entre indivíduo, história e natureza.

Mas a crença na função ativa e crítica da literatura em relação aos problemas da sociedade moderna, expressa em “Il midollo del leone” e ainda, embora em menor escala, em “Il mare dell’oggettività”, apresenta-se sob uma outra perspectiva no ensaio “La sfida al labirinto”, de 1962. Neste escrito, ao desenvolver uma análise do livro *O labirinto*, de Robbe-Grillet, Calvino restringe o espaço da intervenção da literatura a um âmbito mais especificamente moral, colocando a questão da escrita como conflito e tensão entre um subjetivismo interior e uma linha matemático-geométrizante, que toma a figura do labirinto em várias experiências literárias modernas, como as de Robbe-Grillet, Michel Butor e Jorge Luis Borges. Para Calvino, é necessário um determinado comportamento diante do fascínio exercido pelo labirinto, ou pelo “perder-se no labirinto”, que representa a ausência de saídas como verdadeira condição do homem contemporâneo. A descrição do panorama contemporâneo torna-se mais minuciosa e o tema do qual Calvino parte – a negação ou a aceitação do presente desumanizado e, em consequência, a relação entre a mudança da realidade e a forma de retratá-la –, se dissolve na análise das linhas artísticas e literárias daqueles anos. Trata-se de questões bastante complexas, mas necessárias para estabelecer nexos de proximidade e diferença que podem orientar para a saída do labirinto.

Se tentarmos analisar a linha que une os primeiros ensaios, referente a um período de dez anos, de 1955 a 1965, veremos que o pensamento crítico de Calvino tende a articular-se em dois planos, como já vimos. De um lado, ele leva em consideração os processos de transformação da sociedade (a guerra fria, o desenvolvimento e a consolidação da sociedade de produção e de consumo de massa) que se apresentam aos olhos do escritor como fenômenos difíceis de serem lidos e interpretados de forma racional; de outro lado, registra e analisa as modificações ocorridas na cultura e na literatura (o *nouveau roman* na França, a *beat generation* nos Estados Unidos, a *neoavanguardia* na Itália), considerando seus aspectos positivos e negativos, sem deixar de lado a sua ligação com as mudanças estruturais da sociedade.

A partir deste ponto, no entanto, nota-se claramente em Calvino o declínio da aspiração a “interpretar e guiar” um processo histórico. Abre-se, então, uma nova perspectiva de reflexão crítica, mais estritamente ligada à literatura e às instituições literárias de uma forma geral. Assim, a posição de Calvino, a partir do final da década de sessenta, parece ser a de um “escritor realista”¹⁰ que se encontra sob o impacto de um processo novo e parcialmente desconhecido de ligação com a realidade, um processo que se concentra no objeto em vez de concentrar-se no homem, diferentemente de um certo tipo de literatura neo-realista, que representava as coisas, mas exprimia o primado do sujeito sobre elas. Nos anos sessenta, período importante de discussão sobre a questão da subjetividade e da objetividade na obra literária, num debate induzido também por causas políticas e sociais na Itália, a obra de Calvino passa, como ele mesmo afirma, por um processo de

10. Cf. Mauro, W. *Realtà, mito e favola nella narrativa italiana del Novecento*. Milano: SugarCo, 1974, p. 158.

“esquematisação do real”. Observa-se, a partir de então, uma radical conversão do nosso escritor: da proposta de uma literatura que representa o atrito com a história, ele passa àquela de uma literatura que delega a descoberta do próprio sentido à leitura. Trata-se, no fundo, de uma verificação das possibilidades de oposição veiculadas pela literatura, de uma análise das novas relações instauradas entre escritor e leitor e de um esclarecimento sobre o que é literatura e qual a sua função.



A linha mestra que plasma o itinerário intelectual do primeiro Calvino, engajado na luta antifascista na Itália, é, portanto, a reflexão sobre a história e sobre o sentido histórico das ações individuais e é essa linha, ligada a uma concepção ética da literatura, que irá nortear a sua produção narrativa. Trata-se, é óbvio, de um caminho marcado por ilusões e desilusões, por idas e vindas, por mudanças de rotas e por pesquisa desenfreada de novos instrumentos cognitivos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Italo Calvino participa ativamente da Resistência, combatendo nas montanhas da região da Ligúria, e naquele período começa a dar forma às suas numerosas invenções narrativas. O primeiro romance, *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947), criado sob a estética neo-realista, narra, como tantos romances da época, as histórias da luta de resistência contra o fascismo. Mas o que surpreende neste primeiro livro é o fato que realismo e fábula convivam com grande naturalidade no tecido narrativo, que os acontecimentos relatados – como a dura realidade da guerra – assumam uma dimensão tão insolitamente fabulosa. Os fatos, os homens, a condição dolorosa do momento são vistos através do olhar, ora ingênuo, ora malicioso, de um menino de rua que, para ser aceito no violento e cruel mundo dos adultos, tenta transformar-se em herói roubando o revólver de um soldado alemão. A visão lírica e fantástica proposta a princípio, no entanto, se contrapõe à queda de todas as ilusões, quando o menino descobre a traição de um falso amigo que, tendo-lhe roubado o revólver, destrói também o caminho dos ninhos de aranha, considerado pelo protagonista uma espécie de paraíso natural e intocável.

Terminada a guerra, concluída a faculdade de Letras, Calvino começa a trabalhar como colaborador na editora Einaudi. Ali conhece Cesare Pavese, Elio Vittorini e Natalia Ginzburg e participa do debate cultural da época, escrevendo inúmeros ensaios e artigos inseridos no âmbito do movimento do pensamento contemporâneo e na discussão sobre o papel da literatura e do intelectual na sociedade.

Depois da publicação do livro de contos *Ultimo viene il corvo*, de 1949, no qual ainda veremos o tema da guerra e da Resistência, Calvino abandonará a referência explícita à história e começará a refletir sobre os problemas do seu tempo por meio de alegorias de cunho iluminista. Nasce, assim, a trilogia *Il visconte dimezzato*, de 1952, *Il barone rampante*, de 1957, e *Il cavaliere inesistente*, de 1959, recolhida posteriormente no volume *I nostri antenati*.

Escrevendo narrativas completamente “fantásticas”, Calvino mostra o impulso de exprimir o sofrimento de um dado momento histórico, aquele do mundo dividido pela guerra fria, mas também de tentar fugir de uma realidade vista como pura negatividade. O homem contemporâneo dividido, mutilado, incompleto, inimigo de si mesmo é representado, em *Il visconte dimezzato*, pelo visconde Medardo di Terralba que, tendo sido cortado ao meio por uma bala de canhão, divide-se em duas metades, duas imagens contrapostas da desumanidade: a metade ruim e infeliz, capaz de despertar um forte sentimento de piedade, e a metade boa, afligida constantemente por um véu de sarcasmo.

Também em *Il barone rampante* encontram-se os mesmos temas, reelaborados agora a partir de novas esperanças e de novas amarguras, que se alternam na pesquisa de uma relação entre o conhecimento individual e o curso da história. O rapaz que sobe nas árvores, num ato de rebelião contra a obrigação de comer um prato de *escargots*, e nega-se a voltar a terra, passando toda a vida sobre as árvores, revela a consciência de que para viver com os outros é necessário estar separado deles, é necessário, mais do que isso, impor a si e os outros a sua incômoda singularidade e solidão. Para Calvino, porém, o barão não exauria o problema da representação da relação do sujeito com a história, porque o problema do homem contemporâneo não estava simplesmente na perda de uma parte de si mesmo, mas na perda total, no fato de não existir em absoluto. Será esse o caso do protagonista de *Il cavaliere inesistente*, um homem que se identifica com uma armadura totalmente vazia por dentro, um ser feito de pura racionalidade, incapaz de estabelecer qualquer tipo de relação com aquilo que está em torno de si.

É fácil notar como a trilogia, de cunho marcadamente alegórico, apresenta precisas referências históricas e reflexões morais a respeito do homem contemporâneo, dividido e perdido num mundo de duas verdades, obrigado a fingir a evasão na natureza e na aventura, reduzido à pura ficção existencial, símbolo da falência de quem procura entender o mundo somente por meio da razão. Assim, ao mesmo tempo em que se vê em Calvino uma convicção na capacidade transformadora da literatura, é possível evidenciar em sua obra uma constante dificuldade em conciliar sujeito e realidade. Tal dificuldade liga-se, no entanto, a uma mais complexa e difícil de ser resolvida: aquela entre homem e natureza. Nessa contraposição, que vemos aflorar com frequência tanto nos artigos e ensaios como em grande parte de suas narrativas, evidencia-se um conflito permanente entre a crença e a descrença na racionalidade, colhido por Ferretti nas distantes cabras de Bikini¹¹.

A relação homem-natureza – ponto de partida e motivo de especial interesse para o estudo aqui proposto –, relação intrincada, manifestada em diversos níveis como testemunham as narrativas longas e breves, assim como grande parte dos escritos ensaísticos, repletos de imagens provindas dos reinos animal, vegetal e mineral, sustenta, na sua duplicidade constitutiva, a visão de mundo calviniana. O próprio tema da cidade, isto é, tanto da cidade real (embora estilizada) de Marcovaldo como das cidades utópicas e invisíveis que povoam o imaginário de Calvino, nada mais é do que uma faceta da relação aqui apontada.

11. Cf. Ferretti, G. C. op. cit., p. 157.

A presença de uma vasta e complexa elaboração do tema da cidade¹², observada em livros como *Marcovaldo* (1963), *Le città invisibili* (1972) e *Palomar* (1983), assinala na obra de Calvino uma progressiva linha de pesquisa que aborda a relação entre o homem e seu ambiente, desde o homem da civilização industrial até aquele bem mais complexo da civilização da informação, ou seja, da metrópole¹³. O percurso literário de Calvino estaria marcado, portanto, por três etapas evolutivas de um único discurso, no qual o desenvolvimento das argumentações sobre a cidade procede concomitantemente à transformação gradual da poética narrativa do escritor.

Os contos de *Marcovaldo*, publicados esparsamente no final da década de cinquenta e reunidos depois em volume, apresentam textos originados de reflexões sobre a antítese entre natureza e cultura e sujeito e cultura. O principal problema, representado e analisado profundamente por Calvino nessas narrativas, seria o da lenta deterioração da natureza, entendida tanto como paisagem quanto como símbolo da unidade do ser, no ambiente da civilização industrial. Os vários aspectos do problema manifestam-se concretamente nas desventuras de Marcovaldo que, em meio à cidade de cimento e asfalto, procura a natureza. Este personagem sonhador não tem olhos para os semáforos, cartazes ou vitrines, símbolos da sociedade de consumo, mas está atento aos cogumelos que brotam no ponto do bonde, ao mofo das bancas de jornal, às aves migratórias, ou às possibilidades de caçar e pescar dentro da cidade. A natureza por ele encontrada é, contudo, uma natureza despeitosa, falsificada, comprometida com a vida artificial.

A contradição lacerante entre a nudez da natureza e o espaço concentrado e artificial da cidade, revelada nos contos de *Marcovaldo*, espelha o tempo frenético dos processos produtivos, que não respeita nenhuma relação de correspondência com a dimensão sensitiva e biológica do homem. Para Balice,

esta diferença constitutiva é dramatizada de modo a demonstrar que na civilização industrial não existe conciliação possível entre natureza e cultura, e que tal antítese

12. A crítica italiana identificou diversas temáticas na obra de Calvino, mas raramente se ateu ao estudo específico da presença progressiva do tema da cidade na narrativa do escritor. Uma exceção nesse panorama é o interessante artigo de Michele Balice, publicado em 1986 na revista *Paragone* (Balice, M. "Le città di Calvino". *Paragone*, 438, agosto, 1986, pp. 73-88). Trata-se de um tema calviniano que recebeu também de minha parte especial atenção num estudo feito para a dissertação de mestrado (Iozzi, A. *A poética da reescritura: uma leitura pós-moderna de Le città invisibili* de Italo Calvino. São Paulo, 1998, 148 pp. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo).

13. Aqui talvez valha a pena uma breve explicação de cunho antropológico. A metrópole, como explica Argan, não é mais "cidade", mas basicamente um sistema de circuitos de informação e de comunicação, em que o objeto é substituído pela imagem, pela escrita luminosa. Na cidade industrial, sustenta Argan, a natureza, entendida como "realidade indefinidamente estendida além do horizonte dos conhecimentos e das possibilidades exploratórias e operativas do homem", como "misteriosa região das potências incontroláveis do mito e do sagrado", é dominada e substituída pela tecnologia. Antigamente, a natureza era o que se encontrava além dos muros das cidades, o espaço não protegido, não organizado, não construído. Com o advento da técnica e, por consequência, da dominação deste espaço desconhecido, o mito transfere-se para as forças tecnológicas, portanto humanas. O que era dado como incontrolável passa a ser subjugado pelo esforço tecnológico do homem, ocorrendo, assim, uma inversão de posições: o mito não é mais representado pelas forças cósmicas, e sim pelo domínio humano da tecnologia. A cidade, que no passado era o lugar fechado e seguro, ou seja, um espaço habitado, geométrico e mensurável, adquire uma dimensão ilimitada, torna-se o lugar da insegurança, da inevitável luta pela sobrevivência, do medo, da angústia, do desespero. Na metrópole, continua Argan, o valor do indivíduo, do ego, foi sendo reduzido, até ser eliminado. O indivíduo nada mais é que um átomo na massa. Eliminando o valor do ego, elimina-se o valor da história de que o ego é protagonista; eliminando o ego como sujeito, elimina-se o objeto correspondente, a natureza. De fato, na concepção clássica, a natureza não é mais do que a parte da realidade infinita em que cada coisa se distingue e se define como ego, porque como tal é pensada. Eliminando o nível equilibrante e discriminante do ego, colocada a existência como oscilação contínua e angustiante entre o sub e o superconsciente, a realidade se dá como sub ou super-natureza: oscilação entre o ínfimo e o sublime. A realidade não mais é dada pela escala humana, isto é, na medida em que pode ser concebida, pensada, compreendida pelo homem, mas na medida em que não pode e não deve ser pensada, e sim apenas dominada ou sofrida, objeto de um êxito ou malogro; na dimensão, portanto, do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, do superior e do inferior. Argan exemplifica: Nos projetos para a cidade do futuro (a cidade tecnológica ou, como outros a chamam, espacial) a cidade é concebida infinitamente grande; mas o infinitamente grande para a massa corresponde ao infinitamente pequeno, o mínimo para o indivíduo. (Argan, G. C. *História da arte como história da cidade*. Trad. P. L. Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 213-15).

é dirigida para um lento processo de falsificação, no qual o dado natural está sujeito a transformar-se em elemento artificial.¹⁴

A natureza, que sofre um lento declínio físico e simbólico no sistema da civilização industrial, não representa mais um referente da identidade do homem. Esse dado existencial é o principal motivo da busca frustrante de Marcovaldo, levado a recuperar a própria autenticidade em uma dimensão totalmente artificial, em uma cidade que considera como seu valor principal a vontade de reproduzir a si própria, fora dos limites naturais e territoriais.

Marcovaldo concentra, como bem sintetiza Balice, os motivos fundamentais da complexa relação homem-natureza na era industrial: o desejo nostálgico da natureza, a lenta deterioração do seu valor físico e simbólico e a difícil adaptação do homem ao espaço mistificado da cidade. Esses três motivos ligam-se à discussão, ocorrida no final da década de quarenta e em grande parte da década de cinquenta na Itália, sobre a problemática da alienação do homem na sociedade moderna, tema bastante presente na produção intelectual de Italo Calvino na época.

A matéria literária de Calvino é submetida, nessa fase, a repetidos experimentos narrativos e estilísticos que exemplificam a laboriosa busca de uma síntese formal e ideológica por parte do escritor. Em *La nuvola di smog*, tal busca parece atingir o seu objetivo e o tema da cidade é abordado de maneira mais ampla. O problema da alienação e os fenômenos ambientais ocorridos nas cidades industriais são vistos de forma mais analítica e desencantada. Contudo, tanto neste como em outros escritos do período – pensemos, por exemplo, em *La formica argentina* –, o declínio da natureza, resultante do crescimento das cidades, representa para a consciência humana um esforço em compreender a situação contingente e suas contradições a fim de utilizar em vantagem do homem as potencialidades positivas que esta mesma situação propõe¹⁵.

Com o passar dos anos, Calvino assume uma atitude mais analítica em relação à temática urbana. Com *La giornata di uno scrutatore*, de 1963, romance desenvolvido sob a forma de um grande monólogo interior do protagonista, delineia-se a idéia de utopia imanente, segundo a qual é a própria cidade real que contém, potencialmente, a imagem de um modelo de cidade ideal.

Os traços dessa perspectiva particular sobre o problema do espaço urbano atingem o seu momento de maturidade teórica e narrativa com *Le città invisibili*. Neste livro, Calvino não evoca somente uma idéia atemporal de cidade, mas desenvolve, ora implícita, ora explicitamente, uma discussão sobre a cidade contemporânea. Isso é percebido não somente por meio das referências às metrópoles conhecidas, mas também porque as evocações de cidades que parecem arcaicas possuem sentido se analisadas sob a ótica da cidade atual. Num artigo publicado em 1972, por ocasião do lançamento de *Le città invisibili*, Calvino assim se pronuncia:

Che cosa è oggi la città, per noi? Penso d'aver scritto qualcosa come un ultimo poema d'amore alle città, nel momento in cui diventa sempre più difficile viverle come

14. Balice, M., op. cit., p. 75.

15. Na produção narrativa de Calvino do período percebe-se claramente uma dificuldade do homem contemporâneo em adaptar-se aos sistemas ambientais da cidade, mas, ao mesmo tempo, o escritor parece aceitar a existência nas cidades e considerá-la como única forma possível de convivência social. Em relação à primeira série de contos de *Marcovaldo*, nota-se posteriormente, na edição de 1963, uma mudança de ética do personagem, que é acompanhada por uma forma diferente de representar o mundo urbano. Os casos em que se descrevem as formas de poluição do ambiente, as várias situações da experiência urbana, os fenômenos do consumismo de massa, oferecem um ponto de partida para divagações surrealistas sobre a cenografia do espaço urbano.

città. Forse stiamo avvicinandoci a un momento di crisi della vita urbana, e *Le città invisibili* sono un sogno che nasce dal cuore delle città invivibili. [...] La crisi della città troppo grande è l'altra faccia della crisi della natura. L'immagine della "megacittà", la città continua, uniforme, che va coprendo il mondo, domina anche il mio libro. Ma libri che profetizzano catastrofi e apocalissi ce ne sono già tanti; scriverne un altro sarebbe pleonastico, e non rientra nel mio temperamento, oltretutto. Quello che sta a cuore al mio Marco Polo è scoprire le ragioni segrete che hanno portato gli uomini a vivere nelle città, ragioni che potranno valere al di là di tutte le crisi. Le città sono un insieme di tante cose: di memoria, di desideri, di segni d'un linguaggio; le città sono luoghi di scambio, come spiegano tutti i libri di storia dell'economia, ma questi scambi non sono soltanto scambi di merci, sono scambi di parole, di desideri, di ricordi. Il mio libro s'apre e si chiude su immagini di città che continuamente prendono forma e svaniscono, nascoste nelle città infelici.¹⁶

No livro de Calvino, as cidades imaginárias são apresentadas numa sequência gradual, segundo um percurso, um itinerário de viagem. Ao longo deste itinerário, o discurso segue uma mutação temática que se traduz numa lenta passagem de um nível utópico positivo para um nível utópico negativo. De uma dimensão constituída por cidades e situações extraordinárias, impossíveis e excepcionais, mas perfeitamente estruturadas e isentas de qualquer contradição, passa-se gradualmente a uma dimensão artificial, constituída por cidades igualmente extraordinárias, mas repletas de contradições, de problemas ambientais, de angústias existenciais, que caracterizam a fase de decadência das cidades, transformadas em metrópoles.

Durante os períodos em que viveu na França, Calvino cultivou interesses científicos, filosóficos e antropológicos, amadurecendo, dessa maneira, novas formas de narrar. Ele chega, assim, ao ápice do seu conhecido, e por que não dizer divertido, pessimismo, com narrativas que representam figuras da vida na civilização contemporânea, vista como apocalíptica e impossível. Começa a delinear-se de forma cada vez mais evidente o seu interesse pela multiplicidade irreduzível da realidade. Calvino chega a uma concepção estética segundo a qual a arte não é mais fechamento, estruturação e esquematização do real, mas corresponde a uma espécie de analogia, que não é uma réplica, mas uma acentuação e aprofundamento da complexidade e da multiplicidade do mundo. Os temas que o atraem nesse período não são mais aqueles que colocam o homem e sua história como ponto central, e suas escolhas formais, a partir de então, tendem a seguir um modelo cosmológico cujo princípio é a oposição ordem-desordem, fundamental na ciência contemporânea.

O último livro publicado, *Palomar* – uma série de narrativas com traços claramente autobiográficos, recolhidas pelo escritor em 1983, pouco antes de sua morte – tem como característica principal demonstrar uma peculiar forma de ver (e descrever) o mundo por meio da observação de fatos mínimos, mas essenciais, da vida cotidiana.

16. Calvino, I. "Presentazione". *Le città invisibili*, 4a ed. Milano: Mondadori, 1995, pp.9-10. A apresentação desta edição de *Le città invisibili* reproduz trechos do artigo de Calvino "Le città felici e infelici", publicado na revista *Vogue Italia*, 253, dezembro, 1972, pp. 150-51. Este mesmo texto foi utilizado parcialmente na conferência proferida pelo escritor, em 29 de março de 1983, aos estudantes da Graduate Writing Division at Columbia University, publicada depois com o título "Italo Calvino on invisible cities" (*Columbia*, 8, 1983, pp. 37-42).

Os textos são rigorosamente organizados de acordo com três áreas temáticas, três tipos de experiência e questionamentos, num esquema narrativo muito claro, que divide (e une) em três partes cada texto: a primeira com valor visual e descritivo; a segunda com valor cultural-narrativo; e a terceira com valor especulativo-meditativo. Trata-se de uma solução narrativa específica que parece ser a marca de Italo Calvino nas décadas de setenta e oitenta, ou seja, unir de forma intrínseca num único texto a minuciosa e detalhada observação de uma pequena parte da realidade aos complexos e incontáveis significados que ela pode conter.

Desse modo, quanto mais fechado e fragmentado é o campo de observação do real do sr. Palomar (objetos, animais, plantas, ondas do mar, constelações de estrelas, queijos numa loja parisiense), mais complexas e múltiplas são as possibilidades de narrá-lo. Em termos mais amplos, trata-se da pesquisa, no plano literário, de uma possível relação entre espaço narrativo e questionamento sobre a origem cósmica e biológica da vida, que ressalta a predileção de Calvino pela reflexão sobre a dúvida, o complicado, o múltiplo, o relativo, que estão na base da vida e do universo. Do livro, de fato, emana a constatação de que todo objeto pode ser decomposto e recomposto na infinitude de seus elementos, mas, ainda assim, não pode ser conhecido na sua totalidade. O vôo dos pássaros, a multiplicidade da grama no campo, o movimento incessante das ondas no mar são a face aparente de uma realidade sempre fugaz e confusa que possui uma ordem somente em aparência.



Principalmente nos seus últimos anos, Calvino não olhava com otimismo o mundo em que vivia. Basta ler a apresentação, escrita em 1980, da coletânea de ensaios *Una pietra sopra*¹⁷ para perceber isso:

La società si manifesta come collasso, come frana, come cancrena (o nelle sue apparenze meno catastrofiche, come vita alla giornata); e la letteratura sopravvive dispersa nelle crepe e nelle sconnessure, come coscienza che nessun crollo sarà tanto definitivo da escludere altri crolli.¹⁸

A sensação de cansaço pelo esforço, nem sempre recompensado, de tentar “postular uma cultura como contexto no qual situar as obras que ainda serão escritas”¹⁹ e o sentimento de desencanto em relação ao papel marginal que a literatura assume numa sociedade caótica induzem Calvino, à época, a definir *Una pietra sopra* como o seu “livro póstumo”. Esse desencanto estende-se também à inteira categoria dos intelectuais e fica evidente numa entrevista concedida por ele naqueles dias:

17. Embora sua produção crítica tenha surgido ao mesmo tempo em que as obras de ficção, Calvino resistiu muito antes de publicar a primeira coletânea de ensaios. Somente aos cinquenta e seis anos de idade ele resolve expor publicamente, na forma de livro organizado, uma sua imagem de intelectual e ensaísta. *Una pietra sopra* pode ser considerada, por isso, uma espécie de “testemunho” do seu itinerário de intelectual e escritor. Na coletânea, Calvino deixa entrever, por meio dos temas abordados e da ordem cronológica em que são apresentados os ensaios, a complexidade do caminho que o levou das teorizações dos anos cinquenta e sessenta (“Il midollo del leone”, “Il mare dell’oggettività”, “La sfida al labirinto”), pautadas no engajamento do intelectual diante dos grandes problemas da sociedade contemporânea, às reflexões dos anos setenta e oitenta, que delineavam uma poética ligada aos diversos “níveis da realidade” (“I livelli della realtà in letteratura”, 1978).

18. Calvino, I. “Presentazione”. In: *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Milano: Mondadori, 1995, p. 5.

19. Calvino, I., idem, p. 3.

In fondo il vero saggio conclusivo di questo libro, che non c'è e che forse un giorno scriverò, sarà un saggio contro gli intellettuali, un saggio per dire come gli intellettuali sono stupidi e perniciosi, e come è giusto che le loro pretese siano fallite. Ma purtroppo il fallimento di queste pretese porta rovina. Sono pretese di una nocività micidiale.²⁰

De fato, não se vislumbra no livro de ensaios o projeto que estava na base das reflexões do primeiro Calvino, ou seja, o desejo de restituir sentido ao intelectual engajado. O que vemos aqui é um escritor que constata a dificuldade de interpretar e guiar um processo histórico e que observa com “perplexidade sistemática” a idéia do complicado e do múltiplo, do relativo e do multifacetado²¹

Assim, de uma fé inicial, quase iluminista, na capacidade do artista de entender o mundo por meio de modelos racionais e de realizar os seus objetivos de renovação por meio da proposição de novas estruturas de organização, Calvino passa a uma concepção mais modesta da arte e do papel do artista. A arte, para ele, não é mais concebida como um “desafio” ao mundo, mas como uma proposta relativamente frágil e precária. Em contraposição àquela pesquisa obstinada de uma ordem, de um sentido ou de uma verdade em um mundo complexo, que marcou grande parte da produção do escritor até meados da década de setenta, no Calvino maduro predomina uma prática que se volta para as possibilidades infinitas ou múltiplas da literatura, num campo de ação que focaliza realidades fragmentárias e descontínuas.

Com o passar dos anos Calvino vai enriquecendo sua narrativa com experimentos e sugestões provindas da reelaboração de materiais literários e extraliterários, de estímulos de leituras semiológicas, científicas e antropológicas e a literatura torna-se para ele uma espécie de espaço problemático, por meio do qual se podem procurar, segundo regras recorrentes que lhe declaram o caráter de jogo e desafio, saídas ou possibilidades de transformação da escrita literária em “exploração de territórios”. A escolha do neo-realismo na década de quarenta, a transfiguração da fábula nos anos cinqüenta, a opção estruturalista nos anos setenta e o tom filosófico-meditativo de *Palomar* são escolhas de formas literárias diferentes, e muitas vezes opostas, que em substância refletem sempre sobre a relação do sujeito com a natureza e com o dado histórico²². Com o tempo, mudam para Calvino o mundo e as informações, mas permanece inalterada, contudo, a função cognitiva que ele reivindica para a literatura.

20. Calvino. apud Scarpa, D. *Italo Calvino*. Milano: Mondadori, 1999, p. 47.

21. Calvino, I. “Presentazione”, op cit., p. 4.

22. É certamente de Calvino o texto publicado na quarta capa da primeira edição de *Una pietra sopra*, publicada em fevereiro de 1980, na coleção “Gli struzzi” da Editora Einaudi: Raccolti qui per la prima volta in volume una quarantina di saggi di Italo Calvino, degli anni tra il 1955 e il 1980, tra i quali “Il midollo del leone”, “Il mare dell’oggettività”, “La sfida al labirinto” e alcuni inediti. In essi lo scrittore cerca di mettere in ordine le sue letture, le sue preferenze, le sue antipatie, i suoi progetti. L’orizzonte culturale cambia più volte intorno a lui: dalla “letteratura impegnata” del dopoguerra alle esperienze dell’avanguardia internazionale, dalle filosofie della storia alla linguistica e alle “scienze umane”, dal “rigore” al “desiderio”. In questo scenario in movimento, seguiamo l’itinerario di qualcuno che cerca di capire e che non è mai completamente soddisfatto dei suoi tentativi di sistemazione. Allargando continuamente il suo angolo visuale per comprendervi gli aspetti che ne restavano più lontani, Italo Calvino vuole continuare a decidere volta per volta i suoi sì e i suoi no, di fronte a una realtà sempre più difficile da padroneggiare. L’immagine-chiave di questo libro è forse quella che troviamo in uno scritto degli anni Sessanta: un programmatore in camice bianco al terminale d’un circuito elettronico cerca di sfuggire all’angoscia dell’innumerabile e dell’inclassificabile riducendo tutto a diagrammi geometrici, a combinatorie d’un numero finito d’elementi; ma intanto alle sue spalle s’allungano le ombre dei fantasmi d’una storia e d’una natura umane che non si lasciano esaurire dalle formule di nessun codice (Calvino, I: *Saggi*, cit., p. 2933).

Referências Bibliográficas

- ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. Trad. P. L. Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BALICE, M. "Le città di Calvino". *Paragone*, 438, agosto, 1986, p.73-88.
- BERTONE, G. *Italo Calvino: il castello della scrittura*. Torino: Einaudi, 1994.
- CALVINO, I. *Saggi: 1945-1985*. (org. Mario Barenghi). Milano: Mondadori, 1995.
- _____. *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Torino: Einaudi, 1980.
- _____. "Presentazione". *Le città invisibili*. 4ª ed. Milano: Mondadori, 1995.
- CALLIGARIS, C. *Italo Calvino*. Milano: Mursia, 1985.
- FERRETTI, G. C. *Le capre di Bikini: Calvino giornalista e saggista (1945-1985)*. Roma: Riuniti, 1989.
- IOZZI, A. *A poética da reescritura: uma leitura pós-moderna de Le città invisibili de Italo Calvino*. São Paulo, 1998, 148 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada), FFLCH, Universidade de São Paulo.
- _____. *Calvino ensaísta: o percurso crítico de Italo Calvino em Una pietra sopra e Collezione di sabbia*. São Paulo, 2004, 184 p. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada), FFLCH, Universidade de São Paulo.
- MAURO, W. *Realtà, mito e favola nella narrativa italiana del Novecento*. Milano: SugarCo, 1974.
- SCARPA, D. *Italo Calvino*. Milano: Mondadori, 1999.